

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Imagens do Mediterrâneo: Uma reflexão sobre as representações das populações negro-africanas na Grécia Antiga¹

Michelle Borges Pedroso

Universidade de São Paulo

mborgespedroso@usp.br

Resumo: O intuito desse artigo é apresentar um breve panorama com algumas das representações que os gregos antigos produziram das populações negro-africanas nas cerâmicas e refletir sobre como os estudos arqueológicos e histórico-artísticos têm interpretado as representações e as relações entre gregos e africanos no Mediterrâneo Antigo.

Palavras-chave: africano; negro; Grécia Antiga

Introdução

A partir da análise de cerâmicas gregas com imagens que podem ser associadas às populações, atualmente denominadas, negro-africanas, propomos uma reflexão sobre os lugares que essas populações ocuparam no imaginário social grego e os possíveis sentidos dessas imagens na Grécia Antiga. Durante muito tempo, a existência, dentro do contexto grego antigo, de diversas representações relacionadas às populações negro-africanas permaneceu ignorada ou vinculada às categorias do “grotesco”, “caricato”, “servil”. Muitas imagens acabaram encerradas em estereótipos e, conseqüentemente, poucas figuraram entre referências históricas ou artísticas (Cf. SNOWDEN, 1983). Apesar das poucas menções, ao examinarmos as fontes gregas disponíveis notamos que os africanos aparecem com uma certa diversidade de caracterizações. Em registros literários – Homero e Hesíodo, por exemplo – alguns africanos são identificados como guerreiros, semideuses ou reis. Em registros imagéticos – cerâmicas torneadas ou moldadas – eles são representados em cenas de combate, armamento ou individuais e, embora sejam escassas, entre as imagens também encontramos algumas figuras femininas. As semelhanças e diferenças nas formas de retratar os personagens africanos têm impulsionado nas últimas décadas pesquisas mais acuradas sobre a participação das

¹ Esse artigo se origina de reflexões e da pesquisa de doutorado em desenvolvimento intitulada “Contatos Mediterrâneos: as representações das populações negras na Grécia Antiga” orientada pela Profa. Dra. Haiganuch Sarian com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), nº processo: 2019/05729-5.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

populações africanas na Grécia Antiga; sobre os sentidos das representações em seus contextos de produção e circulação; sobre a complexidade das interações entre gregos e africanos etc. A partir de questões contemporâneas, os estudos mais recentes têm ampliado a visão sobre as Áfricas e mostrado como discursos de depreciação das artes, religiões, populações e culturas africanas também acarretaram a desvalorização das representações dos africanos existentes no passado. Embora as discussões tenham avançado nos cenários internacionais, poucos pesquisadores brasileiros se dedicam ao estudo desses objetos e de seus personagens. Em vista disso, propomos aprofundar o conhecimento sobre as representações que os gregos produziram das populações negro-africanas com as quais estiveram em contato. Esse tema e suas múltiplas possibilidades de abordagens se mostram como um campo profícuo para os estudos contemporâneos em História, História da Arte e Arqueologia que buscam compreender os papéis de grupos que foram marginalizados durante a construção das narrativas históricas.

As nomenclaturas em grego

Segundo pesquisadores, “aithíops” (etíope) é a palavra usada pelos escritores gregos antigos para caracterizar populações com a pele escura e que fazia referência às populações negro-africanas. No entanto, em alguns autores gregos, o seu uso seria ligeiramente mais amplo abarcando populações africanas e orientais cujas peles eram escuras. O levantamento de Grace Beardsley (1929) apresenta algumas dessas referências literárias acerca dos etíopes. De acordo com a autora, as menções em Homero e Hesíodo não são muito precisas, os etíopes aparecem citados em alguns trechos da *Ilíada* (I, 423-5; XXII, 205-7), *Odisseia* (I, 22-24; IV, 84; V, 282-3; X, 190), *Teogonia* (984-5) e de *Os Trabalhos e os Dias* (527). Ésquilo, em *Prometeu Acorrentado* (808-9), teria sido o primeiro escritor grego a colocar os etíopes na África² ao relacionar a proximidade de

² O topônimo “África” é conhecido pela primeira vez por ter sido usado pelos romanos para designar a área central do Império Cartaginês (atual Tunísia). Quando os romanos ocuparam esta área, eles a dividiram em várias províncias, entre elas *Africa Proconsularis* (norte da Tunísia) e *Africa Nova* (grande parte da atual Argélia, também chamada de Numídia). Não há consenso sobre o significado original do termo “África” e uma variedade de explicações têm sido propostas. O uso do topônimo “África” para designar o continente inteiro é moderno. Antes do século XVII, vários outros nomes – principalmente “Líbia”, “Etiópia”, “Sudão” e “Guiné” – eram comumente usados por geógrafos europeus e muçulmanos. Isso porque nem os geógrafos gregos, romanos ou árabes podiam conceber um continente que exigisse uma única denominação. Para os gregos antigos, a massa de terra ao sul era chamada de “Líbia”. A “Líbia” consistia em Pentápolis

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

suas terras ao Nilo³. Heródoto, ao descrever os grupos que faziam parte do exército de Xerxes, menciona dois grupos de etíopes que, segundo o autor, não diferiam na aparência, mas apenas na linguagem e no cabelo: (1) os etíopes orientais tinham cabelos lisos e (2) os etíopes da Líbia tinham os cabelos mais crespos entre todos os homens (VII, 70) (Cf. BEARDSLEY, 1929).

Os personagens negro-africanos e suas representações

Apesar das representações de negro-africanos existirem em diversos tipos de objetos no mundo grego (terracotas, esculturas, bijuterias etc.), os maiores e mais bem preservados exemplos dessas representações nas artes gregas estão nas cerâmicas áticas. Ao observarmos a produção vascular através dos séculos encontramos essas imagens elaboradas sob as mais diferentes formas tanto em vasos com figuras incisas ou pintadas quanto em vasos com figuras moldadas.

(Cirenaica), Tripolitânia e “Interior da Líbia”, mas não incluía o Egito, que era considerado uma terra independente (ROSS, 2008, p. 09).

³ Em *Prometeu Acorrentado*, Ésquilo não utiliza a palavra “etíope” para se referir ao povo ou população, o autor emprega a expressão *κελαινὸν φύλον* (*kelainòn phylon*) (808-9) traduzida como “povo negro” (em português), “raza negra” (em espanhol), “peuple noir” (em francês) e “black race” ou “black nation” (em inglês).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Nos vasos incisos ou pintados, notamos exemplos de personagens negro-africanos como guerreiros em cenas de combates, armamentos ou em cenas individuais. As imagens mostram um conjunto de aspectos físicos bem como culturais que, sob a ótica grega, caracterizavam esses personagens, além da fisionomia e textura dos cabelos muito específicas, eles também diferem dos gregos em outros aspectos como em relação aos armamentos manuseados e figuram portando peltas⁴, clavas, lanças, arcos e flechas. Em alguns vasos, as vestimentas aparecem em evidência e



a partir delas podemos refletir sobre a marcação das diferenças culturais nesses retratos. Em um grupo específico de alabastros, além da cor da pele, textura dos cabelos,

atributos físicos e equipamentos, as roupas também são um elemento importante que compõe a caracterização dos personagens. Nos alabastros de fundo branco (FIGURA 1), os retratos desses guerreiros são feitos a partir de representações esquemáticas comumente eles aparecem com o corpo de frente, rosto em perfil sem expressões, mas com lábios e nariz mais proeminentes e com cabelos desenhados por pontos simulando uma textura cacheada ou crespa. A cor da pele vista no rosto, mãos e pés contrasta com o fundo claro do objeto indicando uma escolha do pintor para representar seu personagem. A caracterização do guerreiro é completada por algum armamento como arco, aljava ou machado e por vestimentas com mangas, decoradas e volumosas. Nesse caso, além da aparência física, as roupas igualmente contribuem para uma classificação estrangeira do

Figura 1: Alabastro. Cerca de 480 a.C. Malibu, Museu J. Paul Getty. Fonte: Museu J. Paul Getty. Disponível em:

<https://www.getty.edu/art/collection/objects/6657/group-of-the-negro-alabastro-attic-white-ground-alabastro-with-a-black-african-archer-greek-attic-about-480-bc/?dz=0.5000,0.6447,0.43>. Digital Image Courtesy of the Getty's Open Content Program.

⁴ Pelta: escudo em meia-lua ou oval (LISSARRAGUE, 2001, p. 116)

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

personagem. Como descreve Mireille M. Lee (2015), as vestes com padrões e decorações estão associadas à representação de bárbaros ou estrangeiros no mundo grego e foram frequentemente empregadas pelos pintores de vasos na caracterização de amazonas, citas e estrangeiros em geral. Lee argumenta que, as vestimentas bárbaras mais distintas eram jaquetas com mangas e anaxirides⁵ com elaborados padrões e que tais vestimentas exóticas eram diferentes das vestes drapeadas gregas, muitas vezes sem decoração. Essas vestimentas provavelmente eram de origem persa, mas a partir de 530 a.C. começaram a ser usadas nos vasos também por citas, estrangeiros genéricos e amazonas. Para a autora, embora as roupas na arte grega possam refletir em algum nível os estilos reais usados por vários grupos étnicos não-gregos, a grande variedade dos padrões sugere um certo grau de liberdade artística na apresentação desse Outro exótico (LEE, 2015, p. 120). Assim, apesar de não ser possível determinar se tais roupas foram realmente usadas por algum grupo africano, podemos ao menos associá-las à "fórmula" empregada pelos pintores gregos para caracterizar estrangeiros e acrescentar os africanos à lista de estrangeiros pintados com roupas distintas e específicas.

Todas essas características físicas, os armamentos e as roupas são somadas a outro elemento que também colabora para a indicação ou identificação da estrangeiridade da figura. Na imagem do alabastro, o cenário é composto por uma palmeira que colocaria esse personagem em outras terras (Cf. NEILS, 2001).

Outros exemplos de imagens de negros-africanos nos vasos estão nas representações relacionadas às narrativas mitológicas de Mémnon, Andrômeda e Busíris. Os artistas interpretaram episódios desses mitos e apresentaram alguns dos personagens negro-africanos que atuaram nessas histórias. Mémnon é descrito pela literatura como herói e rei etíope, filho de Eos (Aurora) e Títono. Na mitologia, a atuação de Mémnon está relacionada à sua participação na Guerra Tróia, ao lado dos troianos, com seu exército formado por etíopes; à sua vitória sobre Antíloco; e ao seu duelo com Aquiles (GRIMAL, 2011, p. 302). Nos vasos ele aparece representado em cenas de combate ou acompanhado por guerreiros. Na ânfora do Museu Britânico, (FIGURA 2), por exemplo, Mémnon é representado armado, ao centro, ladeado por dois guerreiros empunhando clavas. As fontes indicam que esses guerreiros faziam parte do exército de Mémnon e na cena são

⁵ Anaxirides: calças de couro (SOARES, 2005, p. 117)

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

caracterizados com cabelos curtos, crespos ou cacheados, nariz arredondado e lábios mais grossos. Apesar de todas as figuras na cena estarem pintadas em preto, nesse caso, diferentemente do alabastro anterior (FIGURA 1), a cor não tem relação com a caracterização dos personagens, mas com a técnica empregada na decoração do vaso, ou seja, de figuras negras. A cor do vaso era preservada, a posição das figuras e decorações eram delimitadas por silhuetas em preto e os detalhes feitos com incisões ou com acréscimo de vermelho ou branco.

De acordo com alguns autores, embora Mémnon seja referido como rei dos etíopes, nas pinturas a sua caracterização física difere dos seus companheiros. Mémnon (FIGURA 2) aparece vestido como um hoplita grego e se não fosse pela presença dos seus soldados, nessa imagem, não seria possível distingui-lo de um guerreiro grego. A sua identificação nos vasos muitas vezes está associada à presença dos soldados etíopes ou de sua mãe, Eos. Nessa ânfora, como no alabastro (FIGURA 1), outra indicação da estrangeiridade dos soldados, além da aparência, está na representação dos armamentos. As clavvas e peltas também são parte da composição de suas identidades e de sua distinção



Figura 2: Ânfora. Cerca de 535 a.C. Londres, Museu Britânico. Fonte: Museu Britânico. Disponível em: https://www.britishmuseum.org/collection/object/G_1849-0518-10 ©The Trustees of the British Museum

em relação aos guerreiros gregos (Cf. LISSARRAGUE, 2001).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Outro episódio mitológico com a participação de negro-africanos está nas imagens do mito de Hércules e Busíris. Busíris foi um rei egípcio descrito como muito cruel, filho de Posídon e de Lisianassa, ele foi colocado no trono do Egito pelo deus Osíris. De acordo com a mitologia, seguindo o conselho de um adivinho, Busíris todos os anos sacrificava um estrangeiro a Zeus, a fim de aplacar o deus e recuperar a prosperidade de suas terras. Durante sua passagem pelo Egito, Hércules se deixou ser capturado e foi conduzido ao altar como sacrifício, no entanto ao chegar ao altar, ele se desatou e matou todos os adversários à sua volta (BEARDSLEY, 1929, p. 14-15; GRIMAL, 2011, p. 63-64). A cratera do Museu de História da Arte de Viena (FIGURA 3A) mostra o momento em que Hércules se desata e ataca Busíris e seus assistentes; vemos Hércules sufocando-os com suas mãos, braços e pés e arremessando-os. Todos os personagens, exceto Hércules, aparecem usando túnicas brancas, mas notamos diferenças na composição dos rostos e expressões, cor da pele e cabelos. Alguns possuem pele pintada em negro e cabelos em branco ou em negro e outros possuem pele pintada em branco e cabelos em negro, essas diferenças físicas podem indicar homens de idades e/ou de origens diferentes entre os assistentes do rei.



Figura 3A: Hídria. Cerca de 475-425 a.C. Viena, Museu de História da Arte. Fonte: Museu de História da Arte de Viena. Disponível em: <https://www.khm.at/objektdb/detail/56545/?offset=1&lv=list> ©KHM-Museumsverband

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Na outra face da cratera (FIGURA 3B), a guarda real avança para deter Hércules, vemos um grupo de soldados marchando carregando clavas, esses homens são mais corpulentos, se comparados aos assistentes esguios, eles possuem músculos maiores e marcados. Os soldados possuem lábios volumosos, nariz mais amplo e o tratamento dos cabelos indica uma textura crespa ou cacheada. Alguns pesquisadores comparam a construção dessa composição a uma pintura mural na tumba de Thanuny, em Tebas, datada de cerca de 1.425-1.408 a.C. O mural interpretado como representações de mercenários núbios teria semelhanças com a cratera em relação a organização, quantidade, trajés e armamentos dos personagens. Para os estudiosos, as similaridades entre as duas imagens merecem consideração na avaliação da influência egípcia na arte grega (SNOWDEN, 2010, p. 147-148).



Figura 3B: Hídria. Cerca de 475-425 a.C. Viena, Museu de História da Arte. Fonte: Museu de História da Arte de Viena. Disponível em: <https://www.khm.at/objektdb/detail/56545/?offset=1&lv=list> ©KHM-Museumsverband

As representações do encontro entre Hércules e Busíris mostram as diferentes caracterizações físicas que esses outros povos (egípcios, etíopes) poderiam assumir nas pinturas áticas. Para Timothy McNiven (1995), nessas imagens vemos a fúria grega contra a violação da hospitalidade e ao sacrifício humano (MCNIVEN, 1995, p. 11).

Além dos vasos feitos no torno e decorados com incisões ou pinturas, outro tipo de vaso existente na produção grega são os chamados vasos plásticos. Os vasos plásticos eram confeccionados a partir de moldes e podiam ter variadas formas (partes do corpo

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

humano, animais, etc) e, em alguns casos, decorações florais ou figuradas. Assim como nos vasos de torno, neles também notamos exemplos de representações que podem ser associadas às populações negro-africanas. A tridimensionalidade e o caráter escultórico que esses personagens possuem são características marcantes desses objetos muitas vezes fabricados em pequenas dimensões. Nesses objetos, assim como nos alabastros (FIGURA 1), a cor é parte integrante da caracterização do personagem, somada às feições realistas de um rosto humano com sulcos e linhas de expressões. Os personagens comumente possuem a pele pintada em preto, rosto mais arredondado, lábios volumosos e cabelos elaborados com pontos em relevo que simulam uma textura crespa ou cacheada.

No cântaro do Museu da Universidade de Princeton (FIGURA 4), vemos duas cabeças, uma masculina e negro-africana e outra feminina e grega. Ao observarmos esse vaso com cabeças contrapostas, nos questionamos sobre as construções das identidades e dos personagens a partir da oposição ou da complementaridade pensando tanto sobre as diferenças físicas, étnicas, culturais quanto de gênero entre essas duas figuras. As cabeças de negro-africanos podiam ser combinadas com outras ou aparecerem individualmente.

Nos vasos plásticos observamos os exemplos mais concretos de mulheres negro-africanas, apesar de raros, é possível encontrar alguns objetos com essas mulheres representadas individualmente ou contraposta a outra mulher de origem grega. As figuras femininas são elaboradas como no cântaro anterior (FIGURA 4), elas possuem rostos ricos em detalhes e em alguns casos acessórios como brincos.



ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Através desses exemplos podemos notar as diferentes técnicas empregadas na construção desses personagens e as diferentes escolhas iconográficas feitas pelos artesãos. Nos vasos apresentados nesse

Figura 4: Cântaro. Cerca de 480-470 a.C. Princeton, Museu de Arte da Universidade de Princeton. Fonte: Museu de Arte da Universidade de Princeton. Disponível em: <https://artmuseum.princeton.edu/collections/objects/20038>
©Princeton University Art Museum

artigo, vemos que independentemente do modo como a composição foi elaborada, mais esquemática ou detalhada, algumas características são persistentes nas representações e estão presentes em todas as figuras mostrando que alguns signos faziam parte da identificação visual dessas figuras pelos observadores, compradores ou usuários desses vasos.

As interpretações desses objetos associam essas imagens aos usos. No caso dos alabastros de fundo branco (FIGURA 1), para alguns pesquisadores, essas representações teriam uma interpretação mitológica e os motivos pintados estariam relacionados às crenças funerárias. Para outros, estariam associadas ao comércio de perfume visto que os alabastros eram vasos usados para armazenar perfume, assim, a imagem seria uma marca que indicaria a origem do conteúdo. Para Jenifer Neils (2001), essas imagens não teriam relação com crenças funerárias ou comércio de perfume, mas seriam representações de mulheres arqueiras, amazonas negras (Cf. NEILS, 2001).

A guerra era um dos aspectos fundamentais da cultura grega e as representações de guerreiros mostram a combinação de proximidade e de distanciamento dos outros povos. Nas imagens dos guerreiros e de seus equipamentos havia um jogo no qual a identidade do cidadão ateniense, hoplita, era construída a partir da diferenciação com outros. Dentro desse contexto, se tornar um cidadão significava assumir a panóplia⁶ e as lendas conectadas com as armas revelam sua importância. A iconografia ática teria desenvolvido dois modelos de alteridade em relação à figura do hoplita: a do arqueiro (FIGURA 1), que não poderia ser confundido com um cidadão, e a do peltasta, que ainda não tinha alcançado o status de hoplita. A identidade do guerreiro era construída a partir

⁶ Panóplia: Na Grécia antiga, armadura completa de um hoplita, que incluía escudo, capacete, peitoral, proteção para as pernas, além da espada e da lança.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

desse contraste com esses outros modelos de combatentes, arqueiros e peltastas (Cf. LISSARRAGUE, 2001).

Além dos vasos com cenas de guerreiros, os vasos plásticos também estariam relacionados com esse jogo de construção de identidades dos cidadãos gregos. Segundo alguns pesquisadores, entre as taças e cântaros moldados na forma de cabeças humanas (FIGURA 4) ou de animais, as representações de homens foram excluídas, pois esses objetos faziam referência a outros universos fora do masculino. Muitos desses vasos possuem representações de mulheres, sátiros, negros, Dioniso e Hércules combinadas entre si e todas estariam relacionadas ao contexto de uso desses objetos, os simpósios: os vasos com representações de cabeças de mulheres associadas ao papel delas de misturar o vinho para os homens durante os simpósios; as cabeças dos negros representando escravos; as cabeças de sátiros e Dioniso conectadas ao vinho e ao próprio simpósio. Assim, as imagens nos vasos não estavam relacionadas aos simposiastas, ao homem grego na sua identidade cívica, no entanto todas essas categorias que favoreciam a imagem do “outro” – bárbaro, mulher ou animal – os possibilitavam reafirmar sua própria identidade (Cf. LISSARRAGUE, 2001).

Considerações finais

De modo geral, para os estudiosos, as representações desses outros nos vasos estão relacionadas com a afirmação das identidades gregas, sobretudo dos homens. A partir da exibição de características físicas, roupas, armamentos, da adição de elementos no cenário etc. os artesãos transportavam os observadores para outros universos conhecidos através dos mitos ou dos relatos. Ao observarmos esses vasos, notamos que as representações de negro-africanos enquanto guerreiros, parte de um exército ou de uma guarda real adquiriram diferentes facetas (FIGURAS 1-3). Cada pintor os retratou de uma forma diferente buscando mostrar elementos que pudessem identificar esses personagens, suas lendas ou suas terras. Através dessas pinturas vemos que as narrativas com a participação dessas populações estavam presentes no imaginário e que nem sempre a visão sobre elas estava relacionada ao contexto da escravidão. Em alguns casos, conforme mencionado, esses personagens são a chave para identificação de toda a cena.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

É interessante notar como a partir de outros olhares diferentes interpretações podem ser propostas como, por exemplo, no caso dos estudos que mostram que representações de guerreiros considerados homens seriam na realidade mulheres, amazonas negras (FIGURA 1). Essas análises ampliam as percepções sobre essas figuras e propõem outros entendimentos desses objetos e do contexto no qual estão inseridos.

Em alguns desses objetos observamos o cuidado dos artesãos ao produzi-los, nos vasos moldados em forma de cabeça (FIGURA 4), por exemplo, vemos a preocupação na composição desses rostos humanos que são feitos de maneira detalhada. Essas imagens podem ser representações genéricas de um “tipo”, simbolizando uma classe da população da cidade (como escravos como indicam alguns autores) ou ainda podem ser representações associadas a personagens de narrativas mitológicas conhecidas.

Assim, as imagens das populações negro-africanas dentro do mundo grego podem ter significados mais complexos quando observadas por outras perspectivas. Algumas interpretações limitam a participação e a ação dessas populações no contexto grego e ignoram que em algum momento elas estiveram vinculadas a outras narrativas, que fizeram parte dos mitos, das sociedades e que provavelmente não existiu apenas uma forma de se interpretar e se relacionar com esses objetos e suas imagens.

Referências Bibliográficas

Autores Antigos:

ÉSQUILO. *Prometeu Acorrentado*. Traduzido por Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

ÉSQUILO. *Prometheus Bound*. Traduzido por Deborah H. Roberts. Indianápolis: Hackett Publishing Company, 2012.

HERÓDOTO. *Histoires*. Livre VII: Polymnie. Traduzido por Philippe-Ernest Legrand. Paris: Les Belles Lettres, 1963.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

HERÓDOTO. *The History*. Traduzido por David Grene. Chicago: The University of Chicago Press, 1988.

Autores Modernos:

BEARDSLEY, Grace Hadley. *The Negro in Greek and Roman Civilization: A study of the ethiopian type*. Nova Iorque: Russel & Russel, 1929.

CANDIDO, Maria Regina. A África Antiga sob a ótica dos clássicos gregos e o viés africanista. *Cadernos de História*, Belo Horizonte, v. 19, n. 30, 1º sem. 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.5752/P.2237-8871.2018v19n30p20-38>>

GRIMAL, Pierre. *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*. Tradução de Victor Jabouille. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

LEE, Mireille M. *Body, Dress and Identity in Ancient Greece*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2015.

LISSARRAGUE, François. The Athenian Image of the Foreigner (em italiano, traduzido por Antonia Nevill). In: HARRISON, Thomas (ed.). *Greeks and Barbarians*. Nova Iorque: Routledge, 2001. pp. 101-124.

MCNIVEN, Timothy J. The Unheroic Penis: Otherness Exposed. *Source: Notes in the History of Art*, Nova Iorque, v. 15, no. 1, pp. 10-16, 1995. Disponível em: <www.jstor.org/stable/23205709>

NEILS, Jenifer. The Group of the Negro Alabastra Reconsidered. In: GIUDICE, Filippo; PANVINI, Rosalba (eds.). *Il greco, il barbaro e la ceramica attica: immaginario del diverso, processi di scambio e autorappresentazione degli indigeni*. Atti del convegno internazionale di studi. Vol. IV. Roma: L'Erma di Bretschneider, 2001. pp. 67-74

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

PANÓPLIA. In: *Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 2015. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/busca?id=OKjXe>>

ROSS, Eric S. África, History of the Name. In: MIDDLETON, John; MILLER Joseph C. (eds.). *New Encyclopedia of Africa*. Vol. 1: ‘Abd al-Qādir–Cummings–John. Detroit: The Gale Group, 2008. pp. 09-10

SNOWDEN, Frank. *Before Color Prejudice: the Ancient View of Blacks*. Massachusetts; Londres: Harvard University Press, 1983.

SNOWDEN, Frank. Iconographical Evidence on the Black Populations in Greco-Roman Antiquity. In: BINDMAN, David; GATES, Henry Louis (eds.). *The Image of the Black in Western Art: From the pharaohs to the fall of the roman empire*. Massachusetts; Londres: The Belknap Press of Harvard University Press, 2010.

SOARES, Carmen Leal. A visão do “Outro” em Heródoto. In: FIALHO, Maria do Céu; SOUSA E SILVA, Maria de Fátima; PEREIRA, Maria Helena da Rocha (coords.). *Génese e consolidação da ideia de Europa*. Vol. I: de Homero ao fim da época clássica. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2005. pp. 95-176